

## **Educomunicação e Direito à Comunicação: Análise a partir das experiências em Trairi<sup>1</sup>**

Francisco George Costa TORRES<sup>2</sup>  
Andrea Pinheiro Paiva CAVALCANTE<sup>3</sup>  
Cátia Luzia Oliveira da SILVA<sup>4</sup>  
Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

### **RESUMO**

O presente trabalho tem como objetivo fazer uma análise sobre a Educomunicação no ensino fundamental e médio como formadora de cidadãos mais críticos em relação aos meios de comunicação, através da aproximação entre os conceitos de Educação e Comunicação. Utilizo a experiência de aula de campo do semestre 2016.2 da disciplina de Educomunicação, do curso de Sistemas e Mídias Digitais, como base para a pesquisa. A metodologia utilizada foi a análise dos depoimentos dos estudantes que participaram das oficinas realizadas por nós na Escola de Ensino Fundamental e Médio Padre Rodolfo Ferreira da Cunha, localizado no distrito de Canaã, em Trairi, entre os dias 5 e 7 de outubro.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educomunicação, Mídia, Direito a Comunicação.

### **INTRODUÇÃO**

É notável a crescente presença das redes sociais no nosso cotidiano ao longo dos últimos anos. Por meio da televisão, jornal, rádio, internet, e tantos outros veículos de comunicação, nós somos bombardeados praticamente todos os minutos do nosso dia com informações, notícias e entretenimento. Em todos os lugares, *Smartphones*, *tablets*, televisões e computadores nos mostram uma avalanche de informações que nem sempre prezam pela qualidade ou imparcialidade.

Os jovens, crianças e adolescentes, não estão livres dessa proliferação desenfreada das mídias que ocorreu nos últimos anos. Segundo a pesquisa “Kids Online Brasil 2015”, produzida pelo CETIC<sup>5</sup>, 8 em cada 10 crianças e adolescentes entre 9 e 17

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 29 de junho a 1 de julho de 2017.

<sup>2</sup> Graduando do curso de Publicidade e Propaganda da Universidade Federal do Ceará, email: georgetorres222@gmail.com

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Sistemas e Mídias Digitais da UFC, email: [andrea@virtual.ufc.br](mailto:andrea@virtual.ufc.br)

<sup>4</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Sistemas e Mídias Digitais da UFC, email: [catia@virtual.ufc.br](mailto:catia@virtual.ufc.br)

<sup>5</sup> Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação

anos utilizam a internet, isso corresponde a cerca de 79%, sendo esse número maior ainda em zonas urbanas. Deste número, cerca de 85% acessam a rede através de aparelhos celulares, principalmente na faixa entre 11 e 17 anos. São mais de 23 milhões de jovens que tem livre acesso a diversos conteúdos, bons ou ruins, sem que haja uma real discussão e incentivo a se ler criticamente esses conteúdos.

Os “artefatos eletrônicos” utilizados para acessar essas informações, antes compartilhados entre os membros das famílias, agora começam a se tornar individualizados. “(...) a intensificação do uso de mídias móveis ampliaram significativamente os espaços de uso desses dispositivos comunicacionais, potencializando um contato cada vez mais individualizado com estes” (CAVALCANTE, SAMPAIO, 2016, p. 26)

Esse grupo, por estar ainda em formação de seus pensamentos e compreensão da realidade, se torna bastante suscetível e manipulável pela mídia ao ser apresentado a um “novo mundo” antes que eles possam desenvolver um pensamento crítico sobre o mesmo. “(...) não é a mesma coisa saber navegar na Internet e saber o que estamos fazendo quando navegamos na Internet: ter um *skill*, uma simples habilidade, não é o mesmo que ser competente.” (RIVOLTELLA, 2005, p 5). Ter acesso às mídias não torna o jovem apto a pensar criticamente sobre seus benefícios e malefícios, nem a capacidade de agir sobre esses veículos.

Nas escolas, a educação recebida pelos jovens, pautada por didáticas muitas vezes ultrapassadas, não lhes dá oportunidade nem autonomia para desenvolver esse pensamento crítico a respeito das mídias, nem de desenvolver projetos próprios que tenham relação com o meio em que vivem, se tornando cada vez mais distante da realidade das crianças e adolescentes que a frequentam. É perceptível que “a escola enquanto instituição ainda está firme entre nós e a maior parte do ensino e aprendizado que aí se dá manteve-se quase intocável apesar da influência da tecnologia.” (BUCKINGHAM, 2010, p. 38).

A discussão a respeito da aproximação entre educação e comunicação é bastante antiga, mesmo o conceito de Educomunicação sendo relativamente novo. Freire (1977), já falava nessa ideia de educação e comunicação andando de mãos dadas, lado ao lado, em função de uma educação mais democrática e menos totalitária, educação que transformasse a sala de aula em um local prazeroso de troca de conhecimentos e não uma prisão. “A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a

significação dos significados” (p. 81). Kaplún (1987), em seu texto “Uma Pedagogia da Comunicação”, comenta bastante sobre o papel da inserção das mídias no contexto pedagógico não de maneira instrumental, mas que os meios fossem apresentados de forma crítica, visando proporcionar uma leitura mais aguçada desses meios por parte dos estudantes, além de citar os principais pontos históricos de convergência entre educação e comunicação.

Esses estudos, somados a outros mais recentes, principalmente na França, Estados Unidos e América Latina, abriram espaço para que novos profissionais possam também agir de maneira educomunicativa nos mais diversos espaços, principalmente na sala de aula. Por exemplo, um professor que se baseia em preceitos educomunicativos se distancia da imagem formada do professor das matérias tradicionais, onde a educação se dá por uma via de mão única, existindo o educador, que tem o conhecimento, e o educando, que busca o conhecimento. Esse professor geralmente é um profissional com conhecimentos interdisciplinares, que busca não só a transferência de conhecimento, mas a oportunidade de aprender junto dos educandos usando as mídias como catalisadoras desse processo.

O professor educomunicador busca o reconhecimento do educando como sujeito cognoscente, que também tem algo a contribuir, em um ambiente democrático de troca de conhecimentos (FREIRE, 1977). Uma das bases desse profissional é reconhecer que “o aluno pode ensinar ao mestre (principalmente a manipulação das novas tecnologias), os alunos podem ensinar uns aos outros (principalmente confrontando seus pontos de vista ou suas fontes de informações ou suas soluções para o problema proposto (...))” (JACQUINOT, 1998, p. 11).

O papel do educomunicador, ao inserir o uso das mídias no contexto escolar, não é de formar pseudo-jornalistas ou apresentadores de rádio ou TV, mas sim proporcionar um ambiente em que as mídias possam ser exploradas de tal forma que o educando consiga desenvolver um pensamento crítico principalmente em relação às montagens dos discursos a que eles são submetidos a todos os momentos pelos veículos tradicionais (JACQUINOT, 1998).

---

## EDUCOMUNICAÇÃO É DIREITO

De acordo com a Constituição Federal de 1988, todo cidadão tem direito a educação de qualidade<sup>6</sup> e a livre expressão de pensamento<sup>7</sup>. Em outras palavras, Educação e Comunicação são direitos garantidos a todos os brasileiros pela Constituição Federal. Além disso, a constituição, no Artigo 221, também dá diretrizes aos veículos de comunicação sobre como deve ser a sua programação, pautada por programas de cunho educativo, artístico, cultural e, de preferência, exaltando as diversas culturas regionais que existem no nosso país.

Entretanto, esses direitos e diretrizes nem sempre são respeitados. Os veículos de comunicação geralmente se organizam em grandes conglomerados, que usam de vários artifícios para que os seus interesses particulares sejam difundidos entre a população. A falta de diversidade nas programações dos veículos tradicionais, que insistem em mostrar uma realidade que não é compatível com a da população, tornam o debate sobre a democratização desses veículos de comunicação cada vez mais urgente.

Tradicionalmente o direito a comunicação era aceito por muitos teóricos como direito apenas ao acesso às informações, mas o contexto atual está modificando esse sentido. Com a possibilidade maior de acesso aos veículos de comunicação, os indivíduos passam a não só absorver informações, mas também a produzir seus próprios conteúdos.

As liberdades de informação e de expressão postas em questão na atualidade não dizem respeito apenas ao acesso da pessoa à informação como receptor, ao acesso à informação de qualidade irrefutável, nem apenas no direito de expressar-se por “quaisquer meios” – o que soa vago, mas de assegurar o direito de acesso do cidadão e de suas organizações coletivas aos meios de comunicação social na condição de emissores, produtores e difusores – de conteúdos. (PERUZZO, 2007, p. 11)

Partindo desse contexto, dos questionamentos a partir da democratização da mídia e da visão crítica dos veículos como forma de promover a cidadania, a Educomunicação se torna cada vez mais necessária na formação desses jovens que, por

---

<sup>6</sup> “São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição.” Capítulo II Art. 6º da Constituição Federal. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)> Acesso: 28 jan. 2017.

<sup>7</sup> “A manifestação do pensamento, a criação, a expressão e a informação, sob qualquer forma, processo ou veículo não sofrerão qualquer restrição, observado o disposto nesta Constituição.” Capítulo V Art. 220 da Constituição Federal Brasileira. Disponível em [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)>. Acesso: 28 jan. 2017.

meio de uma educação tendo também a comunicação como base, possam se tornar mais críticos em relação aos veículos de comunicação e aptos a modificarem o ambiente em que vivem.

Desenvolver essas novas competências nesses jovens, que estão começando a criar as suas primeiras percepções do mundo, por meio de estímulos certos e com o acompanhamento de profissionais cada vez mais interdisciplinares e abertos ao diálogo, pode transformar um jovem comum em um agente de transformação, que não só tem acesso à informação, mas também é capaz de produzir conteúdo e se apropriar dos meios de comunicação em prol dos interesses da sua comunidade (FERRÉS, PISCITELLI, 2015).

Mas como fazer com que os jovens, que já encontram dificuldades de concentração e interesse nas matérias tradicionais, possam se interessar por mais um componente na grade curricular? Como fazer com que os jovens entendam a importância de desenvolver essa competência e dos efeitos das mídias em seu cotidiano.

A Educomunicação atua de forma a proporcionar a compreensão dos jovens a respeito da mídia justamente mesclando o fazer midiático com o cotidiano dos jovens. É mostrando ao jovem que a educação não precisa estar distante dos seus problemas, que o que eles aprendem pode e deve ser relacionado com suas vivências seja em casa, seja entre os amigos ou até mesmo em sua comunidade.

É importante poder trazer para os espaços educativos aquele brilho nos olhos que vemos nas crianças e jovens, quando estão em comunidades da Internet, quando vão ao cinema, quando estão entretidos com os games, ou quando envolvidos em programas que contemplam a produção midiática. (SOARES, 2011, p. 52)

A Educomunicação busca, acima de tudo, dar oportunidade para que o jovem possa sonhar com um mundo em que ele seja um sujeito atuante e capaz de promover transformações, um mundo que ele seja capaz de ler, interpretar e refletir sobre, um mundo que ele possa ter a sua voz ouvida, e não fique preso aos veículos de comunicação tradicionais (SOARES, 2011). Para isso, é importante que iniciativas Educomunicativas ganhem cada vez mais espaço no ensino básico, que cada vez mais educadores sejam inseridos nas escolas, e que os professores estejam dispostos a ajudar a mudar esse ambiente educacional.

## VIVÊNCIAS EM TRAIRI

A disciplina de Educomunicação, ofertada como optativa pelo curso de Sistemas e Mídias Digitais da Universidade Federal do Ceará, foi criada em 2013. A disciplina busca transitar por áreas da comunicação e da educação, ressaltando os estudos em educomunicação e propondo uma reflexão sobre os mesmos. A própria didática em sala de aula demonstra muito da didática Educomunicativa, de utilizar o cotidiano e as vivências dos alunos como forma de aprendizagem, além de reconhecer o aluno como um ser cognoscente em uma relação horizontal, onde ambos, educando e educador, podem ensinar e aprender (FREIRE, 1977).

Devido a esse caráter interdisciplinar da disciplina, ela acabou recebendo alunos de diversos cursos, como pedagogia, publicidade, jornalismo, entre outros. Mesmo sendo uma disciplina do Sistemas e Mídias Digitais, as discussões levantadas em sala de aula perpassam diversas áreas e diversos cursos, sempre nos levando a refletir sobre temas como o direito a comunicação, mídia-educação, educação participativa e direitos humanos. Ao longo da disciplina, somos apresentados a conceitos que nos estimulam a

transcender a instrumentalidade técnica, promovendo a conversão da comunicação em processo educativo, primando por valores tais como a democracia, a dialogicidade, a livre expressão comunicativa, a gestão compartilhada dos meios de comunicação. (CAVALCANTE, SILVA, 2015, p. 5)

Além disso, a cada semestre, são propostas aulas de campo, onde poderemos colocar o que discutimos na sala de aula em prática, algo não tão comum em outras disciplinas. As aulas contam com o auxílio da Universidade, que cede um ônibus e ajuda de custo para cobrir o valor referente a hospedagem e alimentação. “são saídas ‘ao ar livre’ para que os estudantes descubram novos cenários e paisagens, estabeleçam contatos, percebam novas possibilidades de aprendizagens”. (CAVALCANTE, SILVA, 2015, p. 9).

No semestre 2016.2, quando ocorreu a experiência educomunicativa que será relatada a seguir, fomos à região do Trairi realizar oficinas na Escola de Ensino Fundamental e Médio Padre Rodolfo Ferreira da Cunha, no distrito de Canaã, que fica há 130km de distância de Fortaleza. As oficinas foram combinadas entre alunos e

professores da disciplina e o coordenador da escola, Célio Alves Ribeiro, que também desenvolve um trabalho tendo a Educomunicação como base entre os jovens da escola.

Foram propostas oficinas de Radionovela, Fotonovela, Música e Fanzine, todas aceitas pelo coordenador da escola, que se mostrou bastante solícito em dividir as salas e arranjar todo o material necessário. O objetivo das oficinas foi, além de aplicar os conhecimentos adquiridos em sala de aula referentes às teorias da educomunicação, tentar dar voz aos jovens da escola, inserindo atividades que se relacionassem diretamente com os seus cotidianos, para que eles pudessem se interessar e engajar pelas oficinas.

Chegamos em Flexeiras na quarta-feira, dia 5 de outubro, ainda pela manhã. Fomos recebidos pelo Célio e rapidamente guiados pela praia até uma barraca onde se fabricavam produtos utilizando algas marinhas como matéria-prima. Ficamos bastante surpresos com todo o comércio em torno das algas na região, inclusive com políticas para que a retirada das algas da natureza se desse de forma sustentável, não afetando o ecossistema local. Em seguida almoçamos e nos direcionamos à escola onde aconteceriam as oficinas, todos muito ansiosos para saber como seria a recepção dos jovens de lá para a nossa turma de universitários.

Ao chegar na escola, fomos muito bem recebidos pelos meninos, todos pareciam muito animados com a nossa presença, puxavam assunto e tentavam se enturmar. Ao longo dos 3 dias que passamos em Trairí, nos alternamos em relação à disponibilidade de salas para que todas as oficinas pudessem acontecer nos dois turnos. Os estudantes da escola, para a nossa surpresa, marcaram presença em todas as oficinas, e se engajaram a realmente produzir o material proposto por nós.

Nós buscamos, durante as oficinas, não tratar os alunos como incapazes, não nos colocando no papel unicamente de educadores e os colocando no papel unicamente de educandos. Escutamos todas as suas questões, os ajudamos, e eles também nos ensinaram bastante a respeito dos temas que escolheram tratar, das vivências e problemas deles. Também não apresentamos fórmulas prontas para que eles usassem nas atividades, tentamos fazer com que eles se apropriassem da base que demos e buscassem construir algo novo, considerando que “só aprende verdadeiramente aquele que se apropria do aprendido, transformando-o em apreendido, com o que pode, por isto mesmo, reinventá-lo, aquele que é capaz de aplicar o aprendido-apreendido a situações existenciais concretas” (FREIRE, 1977, p. 29-30)



*Oficina de Fotonovela – Tema: Racismo na Escola*

Como o tema das oficinas era livre, nós só demos um direcionamento e eles desenvolveram usando as próprias vivências, enquanto vários problemas e questionamentos a respeito do cotidiano deles foram aparecendo em forma de produção artística. Foram escolhidos desde temas recorrentes entre os jovens como bullying, até temas mais complicados de serem debatidos como gravidez na adolescência, uso de drogas, homofobia, racismo e intolerância religiosa. Ao longo da apresentação dos resultados das oficinas, ficamos sabendo que a taxa de evasão da escola das meninas por gravidez na adolescência e dos meninos por uso de drogas era muito alta, que os jovens não se sentiam tão estimulados a continuar estudando e que muitos não tinham perspectiva de passar em uma universidade.

Essa informação tocou e preocupou toda a equipe, pois não estávamos cientes desses problemas da escola. Os estudantes relataram, durante a elaboração dos trabalhos, que as oficinas estavam sendo uma das primeiras oportunidades que eles haviam tido para expor a situação em que passam, que muitas vezes eles se sentiam silenciados, invisíveis, e que estavam gostando muito do espaço que havíamos proporcionado para expor suas indignações e pensar conjuntamente em como mudar a situação em que grande parte deles se encontrava.

Um momento único dessa nossa experiência foi a apresentação da fotonovela feita pela Manu, uma estudante do 3º ano do Ensino Médio. Ao apresentar o resultado



da oficina para a nossa turma, ela foi bastante incisiva ao falar sobre o racismo que o amigo dela sofria dentro da escola. Ela conseguiu nos mostrar claramente o problema por meio da fotonovela que eles produziram, ainda criticando a postura da escola frente às recorrentes reclamações que ela e outros colegas faziam a respeito disso. Ela, muito divertida, se entrosou bastante com a nossa turma, dizendo que o sonho dela era passar na federal e vir estudar conosco. Ficamos na torcida!

Ao fim das oficinas, pedimos que os estudantes da escola nos avaliassem, e grande parte das avaliações foram positivas, inclusive vários pediram para que nós voltássemos lá para repetir as oficinas, pois os tira da rotina do ambiente escolar tradicional. Nossa experiência educacional na escola foi bem simples e reduzida, pelo pouco tempo e recursos que possuíamos, mas não menos significativa para que os jovens pudessem ter a percepção que a sua voz também pode e deve ser ouvida, que eles devem se manifestar, que eles tem direito a falar e serem ouvidos.

Apesar de muitos professores da escola ainda terem a visão de que esse tipo de ação é uma “perda de tempo”, conseguimos, principalmente por meio dos *feedback* que os alunos nos deram, reafirmar que essas ações são bastante benéficas aos estudantes, e que o conhecimento que construímos ali ficará marcado em nossas mentes por muito tempo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A percepção da necessidade de fornecer autonomia e oportunidade que os estudantes possam desenvolver seu pensamento crítico a respeito dos meios de comunicação para que eles possam se tornar agentes de mudança em seu meio é de extrema importância para se modificar o contexto tradicional escolar de um ambiente totalitário para um democrático.

São necessárias políticas públicas mais incisivas no que diz respeito a essas ações, para que elas tenham continuidade e possam render frutos às escolas que adotam ações educacionais, a escola pode e deve “desempenhar um papel pró-ativo, ao apresentar tanto perspectivas críticas quanto oportunidades de participação em relação à nova mídia” (BUCKINGHAM, 2010, p. 39), para que os profissionais educadores possam ver o seu trabalho ser desenvolvido em um ambiente propício para isso, com apoio necessário e livros e equipamentos adequados.

A experiência no Trairi, bem como as outras experiências educacionais anteriormente citadas nos mostraram que é possível sim dar a este jovem direito de expressão, direito de falar e ser ouvido, direito a ver, interpretar e agir sobre os veículos de comunicação de forma crítica, o verdadeiro direito a comunicação e educação como está previsto na constituição.

E vamos educar!

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Constituição Federal de 1988**. Promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)>.

BUCKINGHAM, David. Cultura digital, educação midiática e o lugar da escolarização. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 35, n.3, p.37-58, 2010

CAVALCANTE, A. P. P.; SAMPAIO, I. S. V. **Publicidade Infantil em Tempos de Convergência – Relatório Final**. Grupo de Pesquisa da Relação Infância, Juventude e Mídia (GRIM), 2016. Disponível em: <[http://www.defesadoconsumidor.gov.br/images/manuais/publicidade\\_infantil.pdf](http://www.defesadoconsumidor.gov.br/images/manuais/publicidade_infantil.pdf)>. Acesso em: 28 jan. 2017.

CAVALCANTE, A. P. P.; SILVA, C. L. O. Aulas de campo e as práticas educacionais: a sala de aula encontra a realidade In: **Congresso Internacional Ibercom**, 14., Anais... São Paulo, 2016.

CETIC. **TIC Kids Online Brasil 2015**: Pesquisa sobre o uso da internet por crianças e adolescentes no Brasil. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2016.

FERRÉS, Joan; PISCITELLI, Alejandro. Competência midiática: proposta articulada de dimensões e indicadores. **Lumina**, Minas Gerais, v. 9, n. 1, 2015.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** 13. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.  
JACQUINOT, Geneviève. **O que é um educador**. São Paulo: USP, 1998.

KAPLUN, Mario. Uma Pedagogia da Comunicação. In: APARICI, Roberto (org). **Educação: Para Além do 2.0**. São Paulo, SP. Editora Paulinas, 2014.

MONTEIRO, Gasparina Cavalcante Tavares. Rádio escola: ferramenta pedagógica e exercício de cidadania. In: **Encontro de Pesquisa em Educação em Alagoas**, 5., Anais... Alagoas, 2010.

RIVOLTELLA, Pier Cesare. Formar a competência midiática: novas formas de consumo e perspectivas educativas. **Comunicar: Revista científica iberoamericana de comunicación y educación**, Huelva, n. 25, 2005.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educação: um campo de mediações. **Comunicação & Educação**, São Paulo, n. 19, p. 12-24, 2000.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: O conceito, o profissional, a aplicação.** São Paulo, SP. Editora Paulinas, 2011.